

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 12 • ANO DE 2010

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Castanheiro do Vento – Campanha Arqueológica de 2009

VÁRIOS

INTRODUÇÃO

A campanha arqueológica no sítio de Castanheiro do Vento em 2009 teve início no dia 29 de Junho e prolongou-se até ao dia 1 de Agosto. Contou com a participação dos estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto assim como de voluntários de diversos países. Mais uma vez foi possível a colaboração do professor Christopher Watts (Universidade de Toronto) e de uma equipa de alunos da mesma instituição.

Os trabalhos de investigação em Castanheiro do Vento encontram-se financiados pelo projecto “Trans-formations”, um projecto internacional que promove o diálogo entre uma série de investigadores e artistas plásticos europeus na discussão da produção de bens patrimoniais.

Este importante sítio arqueológico tem vindo a ser escavado desde 1998 por Vítor Oliveira Jorge e João Muralha Cardoso, ao qual se tem vindo a juntar uma equipa com valências diferentes e muito contributivas para o sucesso da intervenção.

Um dos objectivos principais esteve sempre relacionado com a investigação levada a cabo no sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (que dista de Castanheiro do Vento apenas 11Km em linha recta), escavado por Susana Oliveira Jorge que desde os inícios dos anos 90 do século passado desencadeou diversos trabalhos de investigação (a título individual ou colectivo), que têm sido importantes para um conhecimento mais alargado do sítio.

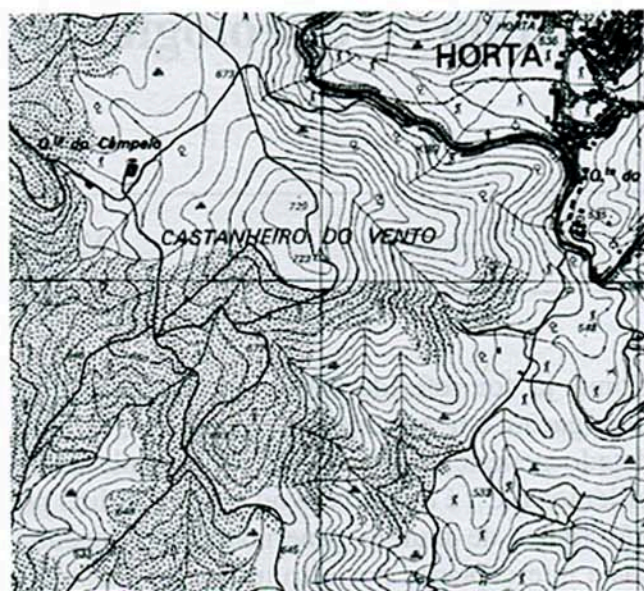
Em Castanheiro do Vento, em 2009, empreendeu-se a 12ª campanha arqueológica tendo como objectivo o estudo da plataforma mais elevada do sítio, chamado de Recinto Principal.

Como já foi referido neste mesmo espaço de divulgação em publicações anteriores, o sítio, datado genericamente do IIIº /1ª metade do IIº milénios a.C., é desenhado no topo da colina por três linhas de murete genericamente concêntricas e interceptadas por estruturas tipo “bastião”. Estas três linhas delimitam, ou melhor, pareciam delimitar um espaço central, o Recinto Principal, até à campanha de 2009 que mostrou uma realidade diferente. Esta campanha possibilitou, ainda, a identificação de diversas estruturas nesta área, sobre as quais, nos iremos referir.

1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E CRONOLÓGICO

Castanheiro do Vento localiza-se na freguesia de Horta do Douro, Concelho de Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda, no Noroeste de Portugal. Segundo a Carta Militar de Portugal, à escala 1:25 000 (folha 140) e recorrendo a um ponto central da estação, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 41º03’49’’ Lat.N.; 07º19’18’’ Long.W.Gr.

Este sítio implanta-se num monte de substrato xistoso de planta sub-circular cujo topo se define pela curva de nível dos 720 metros. As escavações arqueológicas têm incidido no topo do morro, detendo-se numa área de 100 metros no sentido Norte/Sul, e de 80 metros no sentido Este/Oeste, a que aparentemente se encontra melhor preservada. Contudo, e como temos continuamente afirmado, é possível recolher materiais à superfície quer para Sul, numa plataforma com mais de 100 metros de extensão, actualmente ocupada por uma plantação de cerejeiras, quer para Norte e Este numa sequên-



Localização de Castanheiro do Vento na Carta Militar de Portugal, Folha nº 140, Esc. 1:25 000.

cia de rampas ou plataformas destruídas pela abertura de valas destinadas ao plantio de eucaliptos.

Outra sugestão que temos vindo a fazer ao longo dos anos de trabalho neste local, relaciona-se com o facto de o sítio de Castanheiro do Vento implicar toda a colina e não apenas o seu topo. Assim falamos do conceito de “colina monumentalizada”, cuja cronologia, neste caso, aponta para um intervalo que se situa entre c.2900 e 1500 A.C. Contudo, o âmbito cronológico da estação estende-se até ao Bronze Final e Idade do Ferro. Esta sugestão tem como base, não só materiais recolhidos, como datas de C14, claramente atribuíveis à Idade do Ferro (entre os sécs. VIII e VI a.C.) relacionadas aparentemente com “estruturas de combustão” dispersas pelo sítio.

2. METODOLOGIA

A metodologia de trabalho não se alterou relativamente aos anos anteriores. A escavação foi feita em área, tendo-se procedido à identificação de estruturas. Assim, neste sentido removeu-se o que convencionalmente apelidamos de camada 1 (camada humosa e antigo solo agrícola) e camada 2 (depósito sedimentar muito perturbado pelos

trabalhos de agricultura e raízes), e procedeu-se à limpeza de parte da área do sítio.

Os materiais arqueológicos recolhidos foram devidamente identificados relativamente ao seu contexto (quadrícula, coordenadas tri-dimensionais, e estrutura), lavados e acondicionados em contentores depositados no Museu da Casa Grande de Freixo de Numão, onde trabalhou uma segunda equipa, durante todo o período de escavação.

3. DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

Como já referido, a intervenção do ano de 2009 centrou-se na plataforma superior do sítio, entre a denominada “Torre Central” e a linha de murete 3 (M3).

3.1. Área sudoeste do Recinto Principal

No espaço interno do Bastião W foi registada uma grande estrutura circular (G3) que acompanha de forma paralela a parede interna do bastião, distanciando-se desta entre 1,20m e 1,40m e, no lado sul, acaba por quase encostar à face interna do bastião. Podemos sugerir uma área de circulação entre a parede do bastião e da estrutura mas esta é interrompida no limite Este do bastião. Parece, também, existir uma passagem no lado oeste da grande estrutura circular, o que, a verificar-se, permitiria a entrada nesta pelo estreito vão formado pelas paredes do bastião e da estrutura circular. Esta estrutura é delimitada por lajes de xisto colocadas de forma vertical ou oblíqua (tendo em consideração o seu eixo maior) dispostas de forma tendencialmente circular, e parece ser, num troço, reforçada por uma outra linha. O espaço compreendido entre estas duas linhas (formadas ambas por pedras fincadas paralelas entre si) é de cerca de 60 cm.

A leitura estratigráfica permite a distinção entre 5 níveis conectados com esta mesma estrutura: depósito caracterizado por sedimento areno-argilosos, de cor amarela, pouco compacto e com elevada frequência de elementos artefactuais, normalmente designada por camada 3 e parece cobrir a estrutura e encostar ao topo das lajes que delimitam

a estrutura; nível formado por pequenas lajes de xisto, formando uma espécie de cascalheira; 2º nível formado por pequenas lajes de xisto apenas num área localizada, referente genericamente a 4m²; depósito caracterizado por sedimentos argilosos, de cor amarela, muito compacto; e depósito constituído por sedimentos areno-argilosos, pouco compactos, de cor cinzenta clara, identificado apenas numa área definida. A escavação do espaço delimitado pelas linhas de pedras fincadas não identificou nenhum buraco de poste e apenas foram registados dois fragmentos de barro de revestimento, de pequenas dimensões.

No espaço interior desta grande estrutura foi registada uma outra, constituída por cerca de 18 unidades de granito e um grande seixo rolado de quartzito de cor castanha alaranjada clara, agrupados de forma tendencialmente circular. Parece encontrar-se conectada, com uma outra possível estrutura, formada por lajes de xisto que perfazem um arco genericamente abraçando parte da estrutura constituída por elementos em granito. Imediatamente a Este desta estrutura encontra-se uma outra formada por blocos de quartzo leitoso de filão, que numa primeira análise se revelaram, na sua maioria, termoclastos, e encontram-se organizados de forma tendencialmente circular. Foram registados três níveis de blocos de quartzo (poderão não corresponder a uma deposição deliberada em três fases), envolvidos por um sedimento pouco compacto de cor cinzenta clara, com exceção de um conjunto de quartzos registados como pertencendo ao terceiro nível em que se encontram numa argila compacta amarela.

Esta estrutura formada por blocos de quartzo parece estar também em conexão com outra grande estrutura de tendência circular (G4), que no entanto, é posterior à colocação das lajes que definem a G4. Esta grande estrutura circular, tal como a anterior, é definida por lajes de xisto colocadas na vertical ou oblíqua tendo em consideração o seu eixo maior. Foi realizada escavação em profundidade numa pequena área, junto à linha que define a estrutura. A primeira unidade sedimentar era definida por sedimentos pouco compactos, de cor amarela (chamada camada 3). Esta unidade cobria um depósito constituído por sedi-

mentos compactos, também de cor amarela clara. Sob este nível foi detectado um depósito pouco compacto de cor amarela acastanhada que parece ir por debaixo das lajes que delimitam a estrutura. Na designada camada 3 (sedimento amarelo pouco denso) foram registados 102 fragmentos de barro de revestimento, 30 dos quais com impressões de ramos, num total de 2704gr. O nível caracterizado por um sedimento compacto registou 7 fragmentos de barro de revestimento, dois dos quais com negativos de ramos, num total de 398gr. Por fim, no depósito de cor amarela acastanhada identificaram-se 15 fragmentos, 7 dos quais com vestígios de ramos num total de 444gr. No total, foi possível nesta estrutura identificar 125 fragmentos de barro de revestimento (o que equivale a 36,7% do conjunto de fragmentos de barro de revestimento recolhidos na camada 3) num total de 3546gr (o que equivale em termos de peso a 48% da totalidade de fragmentos de barro de revestimento recolhidos na camada 3 durante a campanha de 2009). Na área intervencionada foi possível identificar ainda uma pequena “fossa”, de contorno genericamente circular, aberta no sedimento pouco compacto e caracterizado por um sedimento cinzento-escuro e um buraco de poste, em negativo, de contorno genericamente sub-quadrangular também caracterizado por um sedimento de cor escura. Ambas as estruturas apresentavam apenas uma profundidade de 10cm.

Em ambas as estruturas (G3 e G4) foram recolhidos milhares de fragmentos cerâmicos. Os fragmentos cerâmicos decorados apresentam maioritariamente a técnica de impressão penteada, contudo, numa análise preliminar, foi possível contabilizar dez fragmentos onde a técnica de incisão está presente, oito com a técnica de puncionamento, e ainda dois fragmentos decorados com pastilhas repuxadas, um com impressão ungulada e dois com impressão de cana. No conjunto dos materiais líticos há a destacar três pontas de seta e três machados de pedra polida.

3.2. Área sudeste do Recinto Principal

Para Este destas duas estruturas registaram-se mais duas unidades semelhantes às primeiras: a

grande estrutura circular 5 (G5) e a grande estrutura circular 6 (G6). A G5 parece comportar também, tal como a G3, uma dupla linha definidora. O espaço compreendido entre estas duas linhas de lajes de xisto fincadas é de cerca de 40cm e encontra-se preenchido por um nível de pequenas lajes de xisto.

Continuando para Este, foi intervencionado o Bastião P (integrado no murete 3). Esta intervenção constou apenas na decapagem da camada 2. Após a remoção deste depósito identificou-se um nível definido por lajes de xisto de média dimensão no espaço interior do bastião, contudo sem se estender até à face interna da estrutura, que era definida por um depósito de pequenas lajes de xisto assentes num sedimento argiloso compacto.

3.3. Área central do Recinto Principal

Sensivelmente a meio do Recinto Principal foi detectado o murete 4. Contrariando a orientação dos muretes que definem a morfologia do sítio (M1, M2 e M3), constringe o espaço interno desta área definida genericamente pelo contorno do M3. Este murete apresenta um sistema construtivo que se assemelha aquele utilizado na construção do M3 e do M2, ainda que seja posterior à construção do M3 (ou pelo menos ao troço a que encosta, junto ao arranque sul do Bastião M). Este murete foi detectado ao longo de 15 metros, desde o seu arranque junto do M3 e com orientação Este/Oeste. Parece depois estar destruído e não se detectou a sua continuação. Esta constatação pode estar relacionada com uma das seguintes duas hipóteses; ou foi deliberadamente “desconstruído”, ou factores pós-deposicionais levaram à sua destruição, pois encontra-se no topo do recinto, onde se detecta uma forte erosão dos sedimentos e onde são visíveis marcas de trabalhos agrícolas. O M4 encontra-se interrompido por uma passagem (N.º 16), que se encontrava colmatada por um nível de lajes de xisto. Tal como as outras estruturas tipo murete, a sua identificação ocorreu logo após a remoção dos depósitos de topo associados com a actividade agrícola.

Em termos construtivos, e não só relativamente ao troço de murete agora encontrado, ressaltam duas reflexões:

- a) A variabilidade, não só do gesto construtivo, como tipológica em termos estruturais do sítio. Esta variabilidade detecta-se no grande número de estruturas existentes e enquadradas morfologicamente em tipos.
- b) O murete 4 parece obedecer a um tipo de gesto configurativo modular, já detectado em vários troços do murete 2.

A Norte do murete 4, foram ainda detectadas duas estruturas circulares, com um diâmetro de cerca de 3m, definidas por lajes de xisto que não se encontravam fincadas, mas praticamente colocadas na horizontal. Tais estruturas parecem ser definidas por mais do que uma linha de lajes de xisto e, no seu interior, foi registado um nível de pequenas lajes de xisto.

4. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS/ /CONSERVAÇÃO DE ESTRUTURAS

Com temos vindo a referir ao longo deste texto e nos vários relatórios já elaborados sobre este sítio, como em várias publicações, um dos grandes objectivos da escavação, é a obtenção de um plano do sítio em toda a sua extensão, ou seja, a metodologia de trabalho é a escavação em área, sem aprofundar em demasia, os vários contextos identificados. Embora durante os trabalhos arqueológicos efectuados durante o primeiro PNTA, se tenha escavado alguns contextos, nomeadamente seis estruturas de tipo “bastião”, no segundo projecto apresentado ao Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, optou-se por não se proceder a escavação em profundidade. Desta forma, a obtenção de perfis de pormenor das zonas escavadas, tornar-se-ia um exercício gráfico e interpretativamente estéril, isto é, representaríamos perfis com apenas dois níveis; a camada de superfície e o topo das estruturas encontradas. Em anos anteriores e sempre que a escavação evoluía em profundidade, os perfis foram executados. Durante a campanha de 2009, e como os trabalhos incidiram principalmente no topo do cerro, o primeiro nível escavado encontrava-se muito erodido. No entanto, nesta campanha, e para fins pedagógicos, já que alguns

dos colaboradores dos trabalhos, eram estudantes de arqueologia, optou-se por deixar uma pequena banqueta na área sul do recinto principal com o objectivo de proporcionar a esses estudantes uma leitura estratigráfica dessa área. Todas as outras estruturas descobertas, foram desenhadas em plano e como não foram escavadas, não se representam perfis do seu interior, nem do seu corte.

Da mesma forma que os anos anteriores, as estruturas que apresentavam alguma fragilidade, foram tapadas com manga plástica. Nas outras áreas e como apenas se escavou a camada humosa, as medidas de protecção relacionam-se com um corte da vegetação durante o Outono e um outro durante a Primavera.

5. COMPONENTE ARTEFACTUAL

Para além dos trabalhos de escavação, foi desenvolvido um programa de re-ordenação do conjunto artefactual exumado durante as doze campanhas levadas a cabo em Castanheiro do Vento desde 1998. Tal decisão prendeu-se com o facto do Museu Casa de Moutinho, local de reserva do conjunto, estar actualmente a funcionar como as instalações do Ensino Básico (1.º Ciclo). Actividade que irá assegurar até estarem concluídas as obras em curso na “escola primária” local. O ajustamento do equipamento a estas actividades implicou uma reorganização das áreas de exposição, de trabalho e reserva, sendo que, face à necessidade de espaço, parte do espólio do Castanheiro do Vento, entre outras estações, foi transportado para um espaço de reserva alugado pela ACDR. Em visita ao local, a equipa de coordenação considerou que tal alternativa não assegurava a integridade do acervo artefactual e, assim, em negociação com os técnicos do Museu, tratou de reajustar o espaço designado para a estação na reserva, propriamente dita, do Museu. Simultaneamente, considerou-se necessário avaliar o estado e a relevância do material recolhido até então, tendo-se transportado, quase na totalidade, a parte do conjunto armazenada na reserva alternativa para as instalações do Museu, dando-se início à referida actividade de avaliação e selecção. Esta

actividade, permitiu-nos também lavar e acondicionar adequadamente esses elementos. Estes trabalhos foram acompanhados de uma actividade de inventário dos sacos de materiais, indexando-os à sua localização na reserva (Estante/Prateleira/Contentor). Neste momento, esta actividade encontra-se suspensa, esperando que na próxima campanha haja a oportunidade de dar continuidade a estes trabalhos.

Durante estes trabalhos, foi dada a oportunidade aos participantes da escavação de terem um contacto mais directo com o tipo de materiais que ocorrem no sítio, bem como o tipo de tratamento e os estudos que podem ser desenvolvidos. Assim, procedeu-se a breves sessões explicativas acerca dos procedimentos de construção de tipologias morfológicas e do estudo das técnicas e organizações decorativas. Para além disso, discutiram-se também alguns aspectos relacionados com a problematização dos contextos de ocorrência dos artefactos em Castanheiro do Vento, nomeadamente, no que diz respeito ao carácter “fragmento” dos materiais cerâmicos.

Em termos gerais durante a campanha de 2009 foi exumada um conjunto significativo de fragmentos cerâmicos, maioritariamente lisos. Os decorados apresentam sobretudo a técnica de impressão penteada (curvilínea e/ou rectilínea).

O material lítico é composto por peças em quartzo, como pontas de seta, raspadores, raspadeiras e bastantes percutores (muitos dos quais faziam parte integrante dos embasamentos pétreos das estruturas).

Tendo em consideração o enorme volume de materiais e o facto de esta escavação funcionar em estreita colaboração com a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, disponibiliza-se aos alunos de todos os ciclos académicos, determinados conjuntos de materiais para estudo.

6. APONTAMENTOS FINAIS

Com a intervenção no interior do recinto, iniciada o ano passado, entrámos assim em contacto com dispositivos arquitectónicos de características distintas às dos muros e bastiões. São estruturas que apresentam novos modos de construção

e circunscrevem espaços distintos. Entre a sólida presença do M4 e a dificuldade em definir os limites da G5, por exemplo, emerge novamente a condição precária com que podemos discursar sobre o Castanheiro do Vento. A profusão de díspares elementos arquitectónicos e artefactuais, as indeléveis diferenças entre os depósitos que compõem a estratigrafia, a imensidão de um dispositivo em diálogo com uma paisagem igualmente imensa... invocam uma incomensurabilidade de ligações com as quais podemos construir a memória do Castanheiro. Perante isto, fica a notícia de alguns aspectos da fisicalidade dos contextos que identificámos na campanha de 2009.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, João Muralha (prelo), Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional.
- JORGE, Susana Oliveira (1994), “Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do calcolítico peninsular”, Separata da Revista da Faculdade de Letras, II Série, Vol. XI, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 447-546.
- JORGE, Susana Oliveira (2002), “Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal”, Património, estudos, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, pp.145-164
- JORGE, Susana Oliveira, JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá, (2005), “Preliminary considerations on forms of spatial organization and construction techniques in late prehistoric sites (Chalcolithic/Bronze Age) of the type of Castelo Velho and Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – resemblances and differences in comparison with megalithic and similar constructions”, Journal of Iberian Archaeology, vol. 7, Porto, ADECAP, pp. 101-124.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2002a), “Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro)”, Còavisão, Cultura e Ciência, 4, pp. 73-93.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003a), “O Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): balanço sucinto das pesquisas realizadas de 1998 a 2003, Portugal, Nova Série, vol. XXIV, Porto, DCTP, FLUP, pp.5-24.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003b), “Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio do Castanheiro do Vento Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa”, Còavisão, Cultura e Ciência, 5.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003c), Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998-2002); Journal of Iberian Archaeology, Vol. 5.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003d), “A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (Vª Nª de Foz Côa)”, Recintos Murados da Pré-História Recente, Porto/Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, pp.79-114.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá, VALE, Ana Margarida (2004), “O recinto monumental pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª. Nª. de Foz Côa), após os trabalhos de 2003. Breve relatório, Còavisão, Cultura e Ciência, 6.
- JORGE, Vítor Oliveira, MURALHA, João, PEREIRA, Leonor Sousa, VALE, Ana e COIXÃO, António Sá (2005a), “Morfologia Construtiva do Recinto pré-histórico de Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): o exemplo das convencionalmente designadas “estruturas de condenação”, Almadan, II série, nº13, pp. 25-35.
- JORGE, Vítor Oliveira, MURALHA, João, PEREIRA, Leonor Sousa, VALE, Ana e COIXÃO, António Sá (2005b), “Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Balanço sucinto

de seis anos de trabalho neste recinto monumental pré-histórico”, *Côavisão, Cultura e Ciência*, nº7, pp. 61-67.

JORGE, Vítor Oliveira, MURALHA, João, PEREIRA, Leonor Sousa, VALE, Ana e COIXÃO, António Sá (2005b), “Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Balanço sucinto de seis anos de trabalho neste recinto monumental pré-histórico”, *Côavisão, Cultura e Ciência*, nº7, pp. 61-67.

JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, VALE, Ana e VELHO, Gonçalo, (2007), “Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Breve relatório da campanha de escavação de 2006”, *Côavisão, Cultura e Ciência*, nº 9, pp. 251-268.

JORGE, Vítor Oliveira, MURALHA, João, PEREIRA, Leonor Sousa, VALE, Ana e COIXÃO, António Sá, (2008), “Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Algumas reflexões sobre estratégias de organização do espaço neste recinto monumental pré-histórico”, *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, Setembro de 2004, Faro, Universidade do Algarve*.

VALE, Ana Margarida, (2003), *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª Nª de Foz-Côa), Contributo para o Estudo dos Resultados das Primeiras Campanhas de Trabalho (1998-2000)*, dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

VALE, Ana Margarida, CARDOSO, João Muralha e JORGE Vítor Oliveira, (2006), “Recintos Murados e/ou Colinas Monumentalizadas no Nordeste de Portugal? O Caso de Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa”, *TERRA: Forma de Construir*, editado por Mariana Correia e Vítor Oliveira Jorge, Lisboa, Argumentum, pp.98-105.

AGRADECIMENTOS

Para além do envolvimento institucional da equipa da Universidade do Porto e de Toronto, a campanha de 2009 contou com a presença de um grupo de arqueólogos que, por amizade e grande interesse por Castanheiro do Vento, colaboram conosco e a quem agradecemos: Alexandra Vieira, Mónica Corga, Joana Alves Ferreira, Susana Mesquita, Lurdes Oliveira, Lesley McFadyen, Leonor Sousa Pereira, André Santos, Sara Luz, Kim Rice, António Pereira e Ângela Carneiro. Também queríamos expressar uma palavra de gratidão a todos os estudantes pelo entusiasmo e empenho durante a campanha de 2009, à A.C.D.R. de Freixo de Numão, na pessoa do arqueólogo, António Sá Coixão, pela paciência e disponibilidade e aos trabalhadores incansáveis, Miguel, Carlos, Guilhermino, Francisco e António.

AUTORES:

João Muralha (Igespar, Ip, investigador do CEAUCP)

Ana Vale (FLUP, investigadora do CEAUCP)

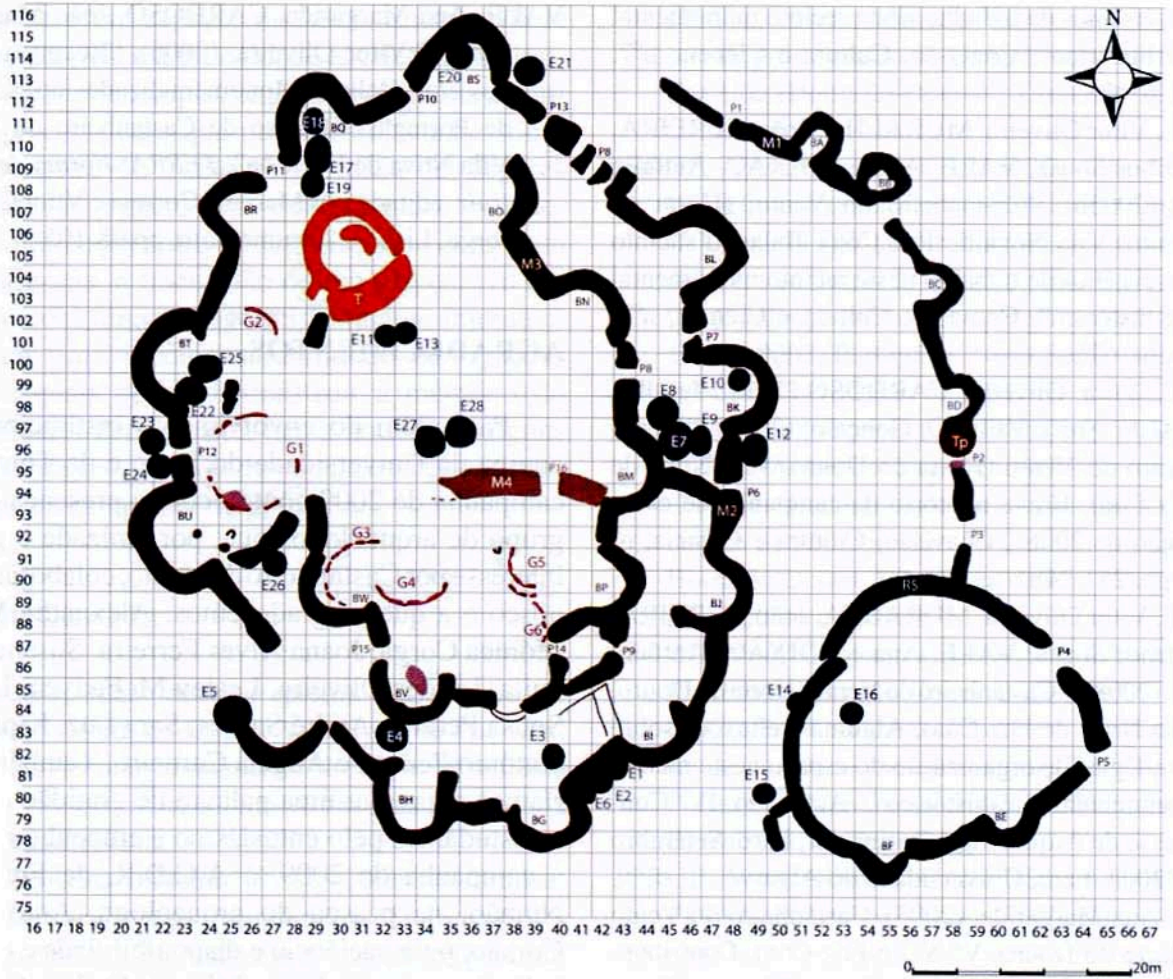
Sérgio Gomes (FLUP, investigador do CEAUCP)

Bárbara Carvalho (investigadora do CEAUCP)

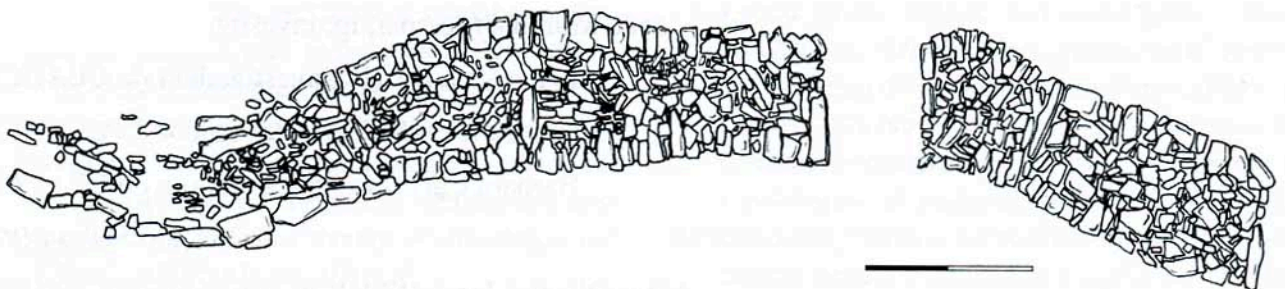
Gonçalo Velho (IPT)

Vítor Oliveira Jorge (FLUP, investigador do CEAUCP)

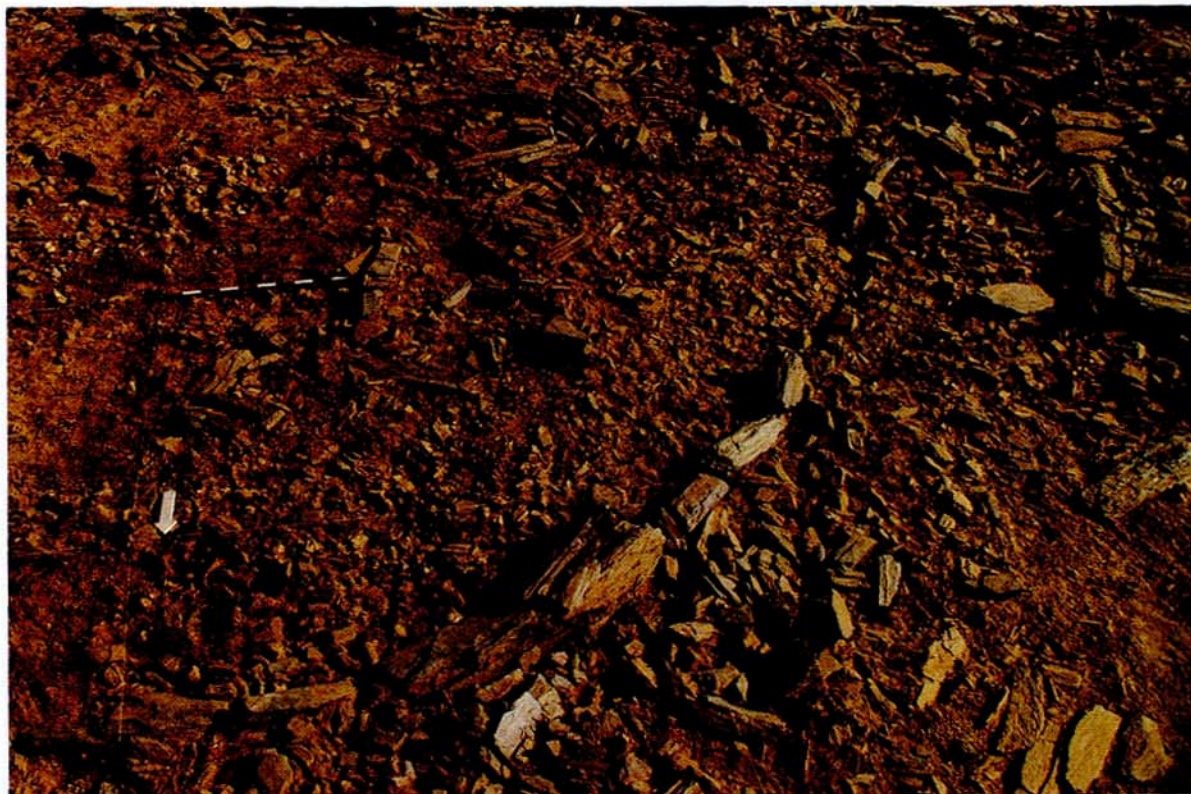
Susana Oliveira Jorge (FLUP, investigadora do CEAUCP)



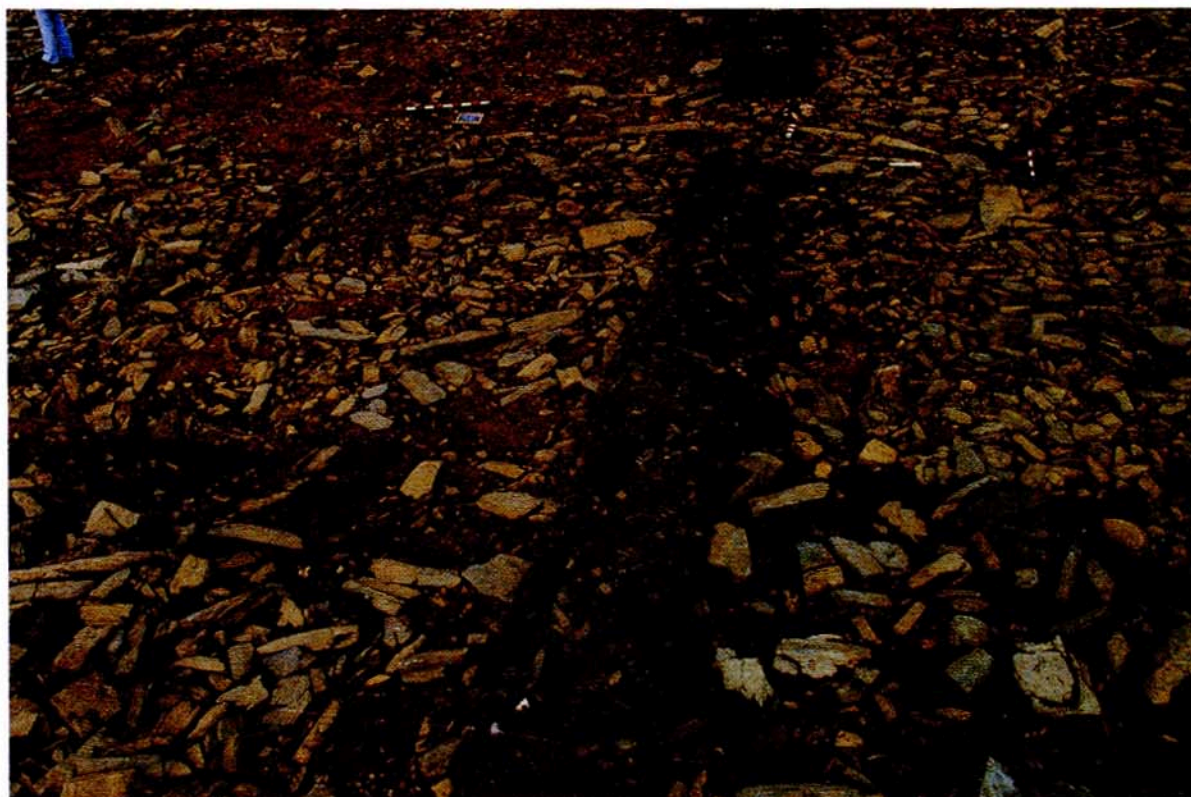
Implantação dos principais elementos estruturais na quadriculagem geral do sítio arqueológico de Castanheiro do Vento.



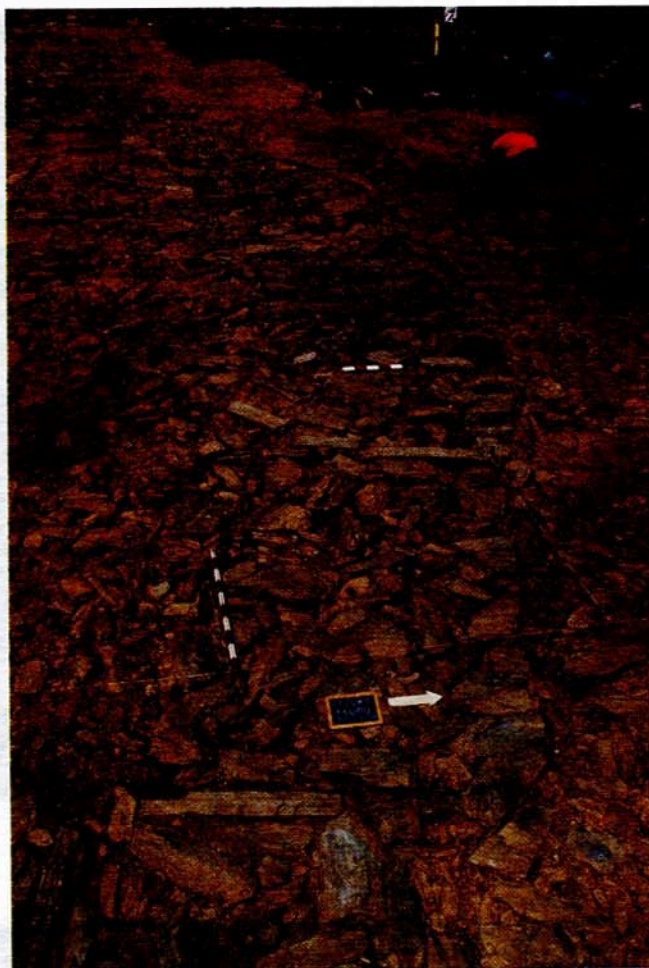
Murete 4. O segmento de recta, representa a escala e tem 2m.



Aspecto geral da grande estrutura circular G3



Aspecto geral da grande estrutura circular G5. Ao longo do centro da imagem é visível a banquetta



Murete 4 (M4)



Pormenor da passagem 16, presente no murete 4



Estrutura circular 28, implantada na área central do Recinto Principal



Pormenor da estrutura de quartzos, em conexão entre a grande estrutura circular G3 e a G4. Do lado direito da imagem é perfeitamente visível uma outra estrutura constituída por seixos de quartzos.